

Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

1º capítulo - Identidade e etnicidade

Identidade em conflito: o segredo do padre Sanctos Saraiva (1834-1900), um “judaizante” na corte de D. Pedro II

Paulo Valadares

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VALADARES, P. Identidade em conflito: o segredo do padre Sanctos Saraiva (1834-1900), um “judaizante” na corte de D. Pedro II. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 419-427. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Identidade em conflito: o segredo do padre Sanctos Saraiva (1834-1900), um “judaizante” na corte de D. Pedro II

Paulo Valadares¹

O Padre Sanctos Saraiva foi uma celebridade no Brasil nas últimas décadas do séc. XIX, pois era uma “figura singular de erudito, sacerdote (ou ex-sacerdote), filólogo, cientista, professor, poeta, polemista, tradutor e exegeta”, como enumerou suas atividades o jesuíta Arthur Rabuske, um de seus biógrafos². Sua singularidade estava não apenas no enorme leque de interesses que ele pesquisava, mas também em sua própria figura misteriosa, de quem se dizia ser filho de um rabino sírio, ter vivido em locais e situações tão diferentes. Conviveu com orientalistas em Londres, discutiu hebraico com D. Pedro II, colheu plantas e minerais na Serra da Cantareira. Pregou para bispos e viveu como rústico agricultor no interior de Santa Catarina. Hoje ele é uma figura quase ignorada no ambiente intelectual brasileiro. Nosso interesse é recuperar este personagem para a história cultural brasileira e devolver aos cristãos-novos portugueses um de seus vultos mais interessantes.

Quem foi Sanctos Saraiva

Francisco Rodrigues dos Sanctos Saraiva nasceu em Vila Seca de Armamar, na região de Lamêgo, em 22 de fevereiro de 1834, filho do “rabbino hespanhol da Syria” Antônio dos Sanctos Saraiva e Anna Rita Rolla. Esta é a informação consagrada que com o passar dos anos e desídia dos pesquisadores tornou-se a verdade oficial. Estranhando o caso de judeu sefardita retornar a Portugal, os magrebinos são exceção, e ignorando a existência de uma família Saraiva no Império Otomano, fomos à pesquisa e

¹ Mestrando em História Social / USP.

² *Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: Algo de sua vida e obra, máxime no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina*, em Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 3ª fase, n° 5, 1984, pp. 119-157. Agradeço a Sra. Arma Lopes Vieira, de Imaruí, e ao Dr. Mário Gentil Costa, Florianópolis, a cessão de grande parte da bibliografia sobre o nosso personagem.

encontramos, graças a ajuda de Maria das Dores Almeida Henriques e Maria Dulcinéia B. Cabral de Sena, a sua certidão de batismo no Arquivo Distrital de Viseu.

A certidão de batismo é o principal documento individual do mundo ibérico até a proclamação das repúblicas. Com a união da Igreja e Estado, o batismo católico é a porta para o ingresso na cidadania plena. Para o genealogista ele é importante, pois traz a data e o local do nascimento, os nomes dos pais e avós, também os padrinhos, identificando suficientemente o personagem.

No caso de Sanctos Saraiva, confirmou-se parcialmente o seu aniversário, apenas o ano é diferente, ele nasceu em 1831. O dados genealógicos são descritos pelo documento: “filho de António dos Santos, Mesão Frio, Mondim (outro nome é ilegível) e Ana Rita. Neto paterno de Joaquim dos Santos, Jeronima de S. José da freguesia de Mondim e materno de José Rodrigues Saraiva e Anna Cardoza desta freguesia³. O que se percebe nesta documentação é que Sanctos Saraiva é filho e neto de portugueses. Nada nos autoriza a tomar como legítima a versão do “rabbino syrio”, pois nos parece a criação deste ancestral mítico apenas uma forma de desvencilhar-se do passado católico ou legitimar-se como hebraísta.

A família Saraiva tem origem em Trancoso, difundindo-se por migração de seus membros por toda a região, sendo muitas vezes reconhecidos como cristãos-novos⁴. O mais importante destes ramos é a família Saraiva, inicialmente de Mesão Frio, depois estabelecida em Barcelos, começada por dois irmãos cristãos-novos, que se casaram com filhos de Mestre Thomaz da Victória, “Rabino que lhe ensinava a sua seita” e que são troncos de uma farta descendência com este apelido Saraiva ou Cardoso, espalhada pelo nordeste de Portugal⁵. A lista dos “99 chefes de

³ Arquivo Distrital de Viseu, fl. 30/30, v., maço 17, n° 1, freguesia de Armamar (1831).

⁴ João Nunes Saraiva, nascido em Trancoso, foi banqueiro de Felipe IV. Denunciado como judaizante participou de dois autos-de-fé. V. “*El Proceso Inquisitorial de Juan Núñez Saravia, banquero de Felipe IV*”, de Antonio Dominguez Ortiz, Hispania (Tomo XV, n° LXI, Madrid, pp. 559-581).

⁵ Luis de Eivar Guerra, “Lista dos judeus q[ue] se baptizaram em Barcellos e das gerações q[ue] deltas procedem” (Armas e Troféus, II Série, Tomo 1, 1960, Lisboa). No título “Da Casa do il4lestde Thomaz Rabino” (pp. 286-291) ele reconstruiu seis gerações da família Saraiva. A onomástica é semelhante a da família do Padre Sanctos Saraiva. P.ex., Filipa

família” atingidos pelo pogrom de Vila Nova de Fózcoa, composta por António Joaquim Ferreira Pontes, traz entre eles membros desta estirpe⁶. António José Saraiva (1917-1993), autor de “Inquisição e Cristãos-Novos” reconhecia-se como sendo de origem judaica⁷. Creio que o Padre Sanctos Saraiva viesse dessa mesma origem. Não tenho ainda a ligação entre uma e outra linhagens, mas os indícios que tenho apontam nesta direção.

Outra família Saraiva, ou outro ramo da mesma, foi para Amsterdã, onde trocou de nome⁸. O mais famoso deles foi o comerciante Duarte Saraiva (1570-1650), nascido em Amarante, que na comunidade holandesa era conhecido como David Senior Coronel – a ele foi dedicado o livro “Conciliador” do rabino Manasseh ben Israel⁹. David Senior Coronel era um homem muito rico e viveu também no Recife Holandês. Flávio Mendes Carvalho, autor de “Raízes Judaicas no Brasil. O Arquivo Secreto da Inquisição”, afirmava que a família cearense Saraiva Leão, da qual fazia parte, descendia de um irmão do parnas (dirigente comunal) holandês¹⁰. Porém na Diáspora sefardita este nome não prosperou, sendo encontrado apenas entre os judeus de Hamburgo.

Cardosa, filha de um Saraiva, casou-se com Francisco Rodrigues e tiveram filhos, netos e bisnetos com o sobrenome Saraiva (séc. XVI e XVII).

⁶ O pogrom de Vila Nova de Fozcoa atingiu os cristãos-novos desta cidade e foi descrito por um dos autores que registrou o fato assim: “*Escorraçando as que não tinham sido varejadas pelas balas, como a do barão de Vila Nova de Fozcoa, as dos Campos Henriques, dos Lopes Cardoso, dos Cavalheiros, dos Campos, dos Almeidas, dos Navarros, dos Margaridas, dos Saraivas, dos Tavares. O êxodo é em massa, tal qual nos tempos de Israel sob a lança dos filisteus. Das noventa e nove famílias foragidas, no terror do ferro e do fogo, umas acolhem-se aos concelhos de Além Douro, outras poisam mais longe, no Porto e em Lisboa*”. Cf. Sousa Costa, “*Páginas de Sangue. Brandões. Marçais & Co.*” (1919), p. 200. Veja também, J. Silvério de Campos Henriques de Andrade, “*A quadrilha dos Marçais*”, p. 265.

⁷ Carlos Câmara Leme, “*Eu sou Israelita*”, em *Jornal Público/Fim de Semana* (Lisboa, 01-02-1991)

⁸ Nos registros de casamentos da comunidade holandesa há um só Saraiva constando daquele rol. É Mozes Isaac Saraiva, que se casou com Rachel David Jessurun, em 20 de Siwan de 5449. V. “*Handleiding bij de index op de Ketuboth van de Portagee-Israëlietische Gemeente te Amsterdam van 1650-1911*”, organizado por D. Verdoomer e H.J.W. Snel.

⁹ O livro era dedicado aos “Nobilísimos, y magníficos señores, ...David Senior Coronel; ...Doctor Abraham de Mercado,....Jahacob Mvcate;..Ishac Castanho; Y mas Señores de nuestra nascion, habitantes en el Recife de Phernambuco” (1651).

¹⁰ Flávio Mendes Carvalho (1954-1996) foi neto materno de Osmundo Saraiva Leão. V. *Obituário*, em *Gerações/Brasil*, novembro/96 e abril /97, vol.3, 1 e 2, pp. 13-4.

Ashaveros

Usando a imagem literária de Ashaveros, pode-se afirmar que Sanctos Saraiva foi também uma espécie de “judeu errante”, ele viveu em dois continentes, quatro países e em muitas cidades. Nascido em Vila Seca de Armamar, morou em Lamego, estudou na Universidade de Coimbra, onde teria cumprido um doutorado em “Teologia e Direito”, ao que parece em 1850. Sua formatura teria coincido com a revolta da “patuleia”, quando então ele expatriou-se para Londres, onde se especializou nas áreas que lhe dariam notoriedade. “D’essa convivência com o mundo científico londrino, onde pontificavam sábios orientistas hebreus, surgiu a multiforme cultura d’esse homem, que estava fadado a maravilhar os seus contemporâneos com o seu saber”¹¹. De Londres, ele foi a Roma, e usando os contatos que fizera na Inglaterra, recebeu a direção de uma paróquia no Brasil.

Em 1860, por falar inglês, é nomeado capelão da “Companhia de Mineração Morro Velho” em Minas Gerais. Ele ficou pouco tempo na região, pois assustado com a intolerância do clero mineiro, mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde assumiu em 23 de junho de 1862 como “vigário encomendado” da Paróquia de S. Francisco de Paula de Cima da Serra, apesar de caráter inamovível do seu cargo, cinco meses depois já estava na Paróquia de S. Sepé.

Nos pampas ele vive várias aventuras: “viajava elle de S. Gabriel para S. Sepé, quando, no penetrar em uma casa de negócio, á beira da estrada, afim de comprar alguma coisa, appareceu um individuo de má catadura, que, de um modo brutal, atirou uma moeda sobre o balcão, dizendo ao dono. – Dê-me dois vintens de cachaça ! Sendo-lhe offerecida a bebida o padre Saraiva recusou e agradeceu. O gaúcho insistiu, e ainda nova recusa. Não notára aquelle que o dono do negócio lhe piscava o olho para que aceitasse. O tal homem voltou á carga: – Pois há de beber, por bem ou por mal ! Sem perder a presença de espírito, o padre Saraiva sacou de uma pistola, e encostou o cano ao peito do valentão, dizendo- lhe: Monte a cavallo, e já ! E desapareça d’estes sítios¹²”. O bandido que era conhecido por ter cometido alguns homicídios fugiu frente à firmeza do barbudo misterioso.

¹¹ Eliezer dos Sanctos Saraiva, “*O Sabia das Picadas*” (1939), p. 15.

¹² Eliézer dos Sanctos Saraiva, *Op. cit.*, p. 17.

Em 1865 ele retornou a Portugal onde permaneceu por cinco anos; ao que tudo indica, passou este tempo estudando nas bibliotecas locais. Nessa época mantém relações com o historiador Alexandre Herculano, autor de “História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal”. Voltou ao Brasil em 1870 para o Rio de Janeiro, onde mantém contatos com o Imperador. É nomeado reitor do Colégio Dom Pedro d’Alcântara, em Botafogo, com trezentos alunos. Em 1875 vai para o interior de Santa Catarina, onde adquire uma propriedade rural e labuta incógnito até 1891. É o lugar onde viveu por mais tempo. Dali vai a Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde lecionou em dois colégios “Ateneu Pelotense” e “Colégio Evolução”. Em 20 de maio de 1892 chegou a S. Paulo, onde a convite de G.W. Chamberlain, lecionou na “Escola Americana” e no “Mackenzie College”.

Na corte de D. Pedro II

No período em que Sanctos Saraiva viveu o seu apogeu criativo, o Brasil tinha como chefe de Estado, D. Pedro II, que mantinha no Rio de Janeiro a Corte política, ao mesmo tempo em que estimulava um ambiente intelectual. D. Pedro d’Alcântara, como ele preferia ser chamado durante os trabalhos eruditos, era o que se podia chamar de “orientalista”. Ele falava, lia e escrevia em hebraico. Frequentou sinagogas na América e na Europa, numa delas chegou a fazer aliá, lendo a Torá na Sinagoga Central de Londres, em Upper Street, convidado pelo rabino Barnett-Myers. Participou do “III Congresso de Orientalistas de S. Petersburgo” (1876), onde discutiu as inscrições do rei moabita Méscha, os Samaritanos e a primitiva toponímia do Eretz Israel. Terminou por fazer uma peregrinação a Terra Santa, visitando a Jerusalém, Belém, “onde colhi umas florzinhas em memória de Rute¹³”. Havia mesmo um filosemitismo latente na Corte que culminou com o engenheiro André Rebouças propondo a criação de um Estado Judeu na região de Palmas, no Paraná, em 1889.

Segundo o próprio D. Pedro d’Alcântara, ele começou aprender hebraico com o “judeu sueco” Leonhard Akerblom¹⁴, Cônsul dos Países

¹³ O diário imperial desta viagem foi publicado por Reuven Faingold sob o título “*D. Pedro II na Terra Santa. Diário de Viagem – 1876*” (1999).

¹⁴ Leonhard Akerblom (Solleftea, 1830– 1896), filho de Carl Magnus e Catharina Margareta (Eneroth) Akerblom, era Doutor em Filosofia pela Universidade de Uppsala. Ele começou a carreira diplomática representando os países nórdicos no Brasil e terminou sua carreira como

Nórdicos no Brasil, que foi sucedido nesta função por professores exclusivos, um deles, o alemão C. F. Seybold, acompanhou até o último dia de vida do monarca brasileiro. Assim, com professores particulares ele foi aprendendo a seu hebraico, até que um dia resolveu fazer uma avaliação do progresso destes estudos, já conhecendo a fama do Padre Sanctos Saraiva, convidou-o ao Paço de S. Cristóvão, onde o recebeu em audiência privada. Quem conta é Eliézer dos Sanctos Saraiva, filho do erudito.

Depois de se ter excusado receber a quem quer que fosse, D. Pedro, mandando que o introduzissem no seu gabinete de estudo, disse-lhe:

– Agora o sr. é o padre Saraiva e eu D. Pedro: nada de formalidades, vamos conversar, e diga-me com franqueza, o que pensa de meus estudos.

Durante cerca de duas horas estiveram ambos em amistosa palestra, que versou sobre questões philológicas, sobre o hebraico de que o monarca era apaixonado cultor e sobre os meios de interpretar os textos mais complicados das linguas orientaes.

Depois d’este encontro, o imperador, por varias vezes em conversa com seus intimos, enalteceu os meritos invulgares do padre Saraiva, dizendo que nunca se lhe tinha deparado vulto mais extraordinario e eminente, sem exceptuar os mais celebres sábios da Europa¹⁵.

As entrevistas se sucederam entre o monarca e o sacerdote. Sempre tendo como mote o estudo do hebraico. Saraiva escreveu inclusive uma monografia, defendendo o idioma bíblico: “Acerca da necessidade e utilidade das línguas bíblicas no Império do Brasil, como poderoso auxiliar das ciências eclesiásticas e da filologia”. A amizade sincera entre ambos ultrapassou o campo político. Tanto que após um atentado contra a vida do Imperador, o republicano Saraiva manifestou-se contra o atentado, e, quando da Guerra do Paraguai, o pacifista Saraiva compôs um poema em

“*generalkonsul*” da Suécia em Lubeck. Akerblom foi casado com a brasileira Louise Marie Josephine Meyrad, com quem teve uma filha, Marie Louise (1869), que se casaria com o médico Hans Naegli, de Genebra. Marte Louise Ingeborg Naegli, nascida em 1894, foi a última descendente de Akerblom. V. Axel Paulin, “*Svenska Oden o Sydamerica*”, pp. 150-3. Nele há uma fotografia de Akerblom e afirma que ele *mio* era judeu. Agradeço a Nair Pacheco e Maillie Fjalgren, da representação diplomática sueca pelo auxilio bibliográfico; a Ian Hamilton (*Genealogiska Fureningen*, Estocolmo), a Ulf Goranson e Hakan Hallberg (*Uppsala Universitetsbibliotek*), por outras informações e contatos.

¹⁵ Eliézer dos Sanctos Saraiva, *Op. cit.*, p. 20-1.

hebraico para celebrar o Imperador. Este poema, ainda inédito, foi descoberto por Reuven Faingold quando selecionava material para um exposição sobre as relações do monarca brasileiro com os judeus, e chama-se “Lashilton shel Brasil – Petrus Beit: Shira Leiom Hazikaron kol Umah begvul Hamilchama al Paraguai” (Ao Governo do Brasil – Pedro II: Poema para o Dia da Recordação de toda a Nação na Guerra do Paraguai)¹⁶.

Nesta passagem pelo Rio de Janeiro ele pesquisou e escreveu o principal trabalho de sua bibliografia, que é o “Novíssimo Dicionário Latino-Portuguez, etymológico, psosodico, historico, geographico, mythologico, biographyco, etc. redigido segundo o plano de L. Quicherat ... Rio de Janeiro – BML. Garnier”. Ele não está datado, mas acredita-se que foi impresso em Havre em 1881. Considerado pelos especialistas como o melhor escrito sobre o assunto. No final de sua vida ele redigia um “Dicionário Etymologico da Lingua Portuguesa”, no qual só chegou à letra “A”.

O segredo

O ex-padre Sanctos Saraiva foi produto do meio cristão-novo. Muito religioso, ligado ao Transcendente não pode efetivamente ser um “sacerdote”, pois a sua crença não era a crença de sua religião. Não lhe adiantou a formação sacerdotal católica, pois ele não se convenceu desta crença. Por volta de 1875, ele abandonou definitivamente o sacerdócio e o catolicismo. Não se filiou a nenhuma igreja protestante, porém manteve com os presbiterianos boas relações intelectuais, e o seu filho único, recebeu um nome vetero-testamentário, Eliézer, cuja escolha reflete a sua trajetória peculiar. Já que o primeiro Eliézer, originario de Damasco (talvez uma projeção do mito do “rabbino syrio”), abandonou a idolatria, para reconhecer a verdade monoteísta, tornando-se homem de confiança do patriarca Abraão¹⁷.

Sua despedida do sacerdócio foi registrada num manifesto de título agressivo, “O Catholicismo Romano ou a Velha e fatal Ilusão da Sociedade”, rio qual formulou suas ideias religiosas, escrito em 1888 e

¹⁶ Luzes do Império. D. Pedro II e o Mundo Judaico” (S. Paulo, 1999), Prof. Reuven Faingold (Curador), p. 17.

¹⁷ (“*Ele é socorro*”, Bereishit, 15:2), outros nove personagens bíblicos receberam o mesmo nome, inclusive um filho de Moisés e um profeta.

republicado em 1932¹⁸. Esse livro foi reeditado como uma reação à “campanha obscurantista, que mira jungir definitivamente o Brasil ao solio papal”, conforme a prosa arrevesada de Mattathias Gomes dos Santos, vice-presidente da Colligação Nacional Pro-Estado Leigo, assustado com a aproximação entre o Estado Novo e a Igreja Católica. Uma reação que culminou na lei apresentada pelo deputado Jorge Amado, descendente de cristãos-novos sergipanos, reconhecendo a liberdade de cultos religiosos, no final da década de quarenta.

Sanctos Saraiva deixou escritos que não foram publicados e outros que se perderam no anonimato de publicações obscuras do interior do país. Mesmo assim é possível encontrar em sua bibliografia alguns títulos que remetem a sua condição de “judaizante”. São poemas que estão na periferia do judaísmo, mas que fazem parte desta herança cultural. São eles; “Cântico de Moisés” (1863), “Poema sobre a Terra Santa” (1864) e principalmente “Harpa d’Israel” (1898), uma tradução tirada diretamente do hebraico e comparada com a versão de Antonio Pereira de Figueiredo. A estes se deve acrescentar uma tradução que ele fez do “Livro de Hhanokh”¹⁹, cuja autoria é atribuída ao rabino Aharon HaLevy.

Final

Francisco Rodrigues dos Sanctos Saraiva morreu no Hospital Samaritano em S. Paulo, em 3 de junho de 1900. Mas o seu corpo foi levado para Santa Catarina, onde foi sepultado ao lado de sua companheira Ana Felícia, mãe do seu filho Eliézer²⁰. Deste modo, quase sorrateiro, terminou a vida desta figura tão peculiar. Mesmo assim é possível encontrar na sua trajetória alguns traços comuns a tantas biografias de cristãos-novos

¹⁸ Há um exemplar na Biblioteca Mário de Andrade (S. Paulo) e que trás um carimbo curioso: “*Livraria do Globo. L. Marrano (...)*”

¹⁹ Jornal do Comércio, Desterro, dezembro de 1888

²⁰ Eliézer dos Sanctos Saraiva nasceu em Picadas do Norte, S. José, 13 de novembro de 1879 e morreu em S. Paulo, em 19 de junho de 1944. Formado engenheiro, trabalhou no Observatório Astronômico de S. Paulo e lecionou idiomas no Mackenzie College. Dirigiu uma escola chamada “Instituto Sanctos Saraiva”, onde Oswaldo Aranha e Marcondes Filho foram seus alunos. Autor de “O sábio das Picadas”, uma biografia paterna. Pertenceu ao *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Casado com Lígia “dos Sanctos Saraiva”, não teve filhos. Agradeço a Adonias Costa da Silveira (*Instituto Presbiteriano Mackenzie*, 08-07-1997) pela ajuda em compor a biografia deste personagem.

anônimos. Que sem acreditar nos dogmas católicos, inconformados com a hegemonia da Igreja, mas sem acesso ao Judaísmo, procuraram outras saídas religiosas, atraídos pelo Protestantismo histórico, ao qual levaram suas convicções, dando a este, um caráter filossemita. Outros, como o Padre Sanctos Saraiva, foram educados como católicos e flertaram com o Protestantismo, enfim não foram judeus, nem cristãos integrais, apenas cristãos-novos ou juif en potentiel, como na classificação de I. S. Revah, ou o “homem dividido” de Anita Novinsky.